

DOSSIÊ ATUAÇÃO CÊNICA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA**Apresentação****BUSCANDO NO ESCURO DOS TEMPOS O BRILHO DOS VAGALUMES:
EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS NAS ARTES VIVAS**

André Carreira (CNPq/UDESC)

Este dossiê foi organizado no contexto de uma atividade de ensino de pós-graduação cujo eixo foi a tentativa de combinação de três ideias para refletir sobre práticas criativas contemporâneas no território das Artes Vivas considerando a atuação cênica como ponto de partida. Estas ideias se referem à perspectiva de que um olhar contemporâneo é aquele que enfrenta o desafio de se deslocar do estabelecido como norma do tempo (Giorgio Agamben); à hipótese do acontecimento como meta da experiência da atuação; e ao desejo de que sempre brilharão as luzes das pessoas que resistem, como vagalumes que insistem no breu da noite (Georges Didi-Huberman)

Durante as aulas da disciplina Espacialidades e Teatralidades no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina realizamos uma reflexão centrada de atuação cênica considerando a ideia de contemporaneidade proposta por Giorgio Agamben. Nosso principal objeto de estudos foram práticas brasileiras de atuação cênica, mas avançamos imediatamente para o campo das Artes Vivas, fugindo inclusive da dicotomia teatro ou performance.

Consideramos a atuação no teatro/performance dentro de um amplo leque de práticas que relacionamos com o universo das Artes Vivas; espaço esse no qual o teatral e o performático se encontram em uma zona híbrida. Este foi o ponto de vista que funcionou como um fator de questionamento de nossas formas de fazer e pesquisar o teatro.

A proposta desenvolvida pelas estudantes de mestrado e doutorado girou ao redor de estudos de experiências de criação que pudessem ser relacionadas com a noção do contemporâneo como prática em desajuste com o seu tempo histórico, tal como propôs Agamben. Nos interessou sua proposta para pensar o contemporâneo, definindo esta condição a partir de uma atitude de desacordo com as normas estabelecidas no nosso tempo (AGAMBEN, 2009,59). Em suas palavras: “é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este [tempo], nem está adequado às suas pretensões” (AGAMBEN, 2009, 59). Esse desconforto e tensão formula a condição de contemporaneidade, uma vez que tal condição

DOSSIÊ ATUAÇÃO CÊNICA CONTEMPORANEA BRASILEIRA & VARIA

não nasce da produção de bens culturais e/ou artísticos alinhados com uma qualidade do ser atual. Ou seja, uma qualidade que poderia ser identificada como um *estar na frente do tempo*, ou como uma atitude vanguardista que formula estilos. Importaria considerar práticas criadoras que se sustentam em um entrelaçamento de temporalidades, em olhares em ruptura com as lógicas do tempo presente, com linhas de fuga para o passado e para um futuro imaginado.

Agamben situou o ser contemporâneo como uma ação de perceber as trevas do tempo para ver dentro da escuridão que impediria que “a luz que trata de nos alcançar [o faça]” (AGAMBEN, 2009, 59). Isto é, o ato de desvelar possibilidades ocultadas pela hiper presença das regras do tempo presente, do consenso forjado nas práticas de dominação da linguagem. Portanto, para Agamben “essa é uma tarefa que exige coragem – virtude política – e poesia, porque é a arte de fraturar a linguagem, de quebrar as aparências, de desunir a unidade do tempo” (AGAMBEN, 2009, 59).

A mirada proposta por Agamben ajuda a observar práticas que se colocam em territórios fronteiriços, liminares, que estão neste tempo mas buscando nega-lo naquilo que significa sua completa submissão aos regramentos estabelecidos – até mesmo para as artes investigativas, as práticas inovadoras, as ações da vanguarda.

O contemporâneo é aquilo que produz deslocamento, que não descansa no registro imediatamente reconhecido, e não se submete nem mesmo às formulações e modelos mais inovadores. Ser contemporâneo só é inovar se isso implica em romper com os valores repetidamente reiterados pelas “luzes” do tempo presente que nos ofuscam; é perceber nestas luzes as “trevas” como diz Agamben, é buscar o obscuro como âmbito de produção. É negar a inovação como valor imediato, e finalmente, é não se seduzir pela invenção como principal fator no processo de criação, por que ser contemporâneo é compreender nosso tempo no centro de suas contradições e multiplicidades.

A partir destas ideias nos aproximamos às reflexões de George Didi-Huberman, quem parte da análise dos escritos do diretor cinematográfico Pier Paolo Passolini, para reivindicar o brilho dos vagalumes como a metáfora da resistência cultural, artística e política.

Há entre estas ideias um vínculo evidente, e ambas constituem ferramentas instigantes para pensarmos a produção artística a partir dos processos e posicionamentos que obras e criadoras/es assumem ao se deslocarem, ainda que momentaneamente, do centro dos modelos e regras da Arte da atualidade.

Vivemos um tempo hiperbólico de representações que transforma tudo em mercadoria a um ritmo acelerado, como resultado disso se produz uma cultura que nos faz crer que esta mercantilização é algo infinito e insuperável. No entanto, é fundamental, como sugere Didi-

DOSSIÊ ATUAÇÃO CÊNICA CONTEMPORANEA BRASILEIRA & VARIA

Huberman não nos darmos por vencidas, e sabendo que a máquina do poder faz seu trabalho sem descanso, devemos não ver apenas o todo, mas estar atentas “aos espaços intersticiais, intermitentes, nômades, improvavelmente situados das aberturas de possibilidades, dos resplendores, dos *apesar de tudo*” (DIDI-UBERMAN, 2012, 31).

Podemos pensar nossa prática de atuação a partir dessa premissa e constitui-la como uma produção de resplendores de resistência, de dissidência, de perfuração de brechas na continuidade de lógicas e fazeres alicerçados nos ciclos intermináveis do consumo. Reconhecer a condição marginal dessa prática artística não implica abandonar todo desejo de intervir no campo social e político, apenas nos situa em relação às dinâmicas majoritárias e permite reivindicar, tal como fez Pier Paolo Passolini, para os e as artistas do teatro o papel de vagalumes que apesar da escuridão da noite, insistem com suas luzes intermitentes em oferecer a possibilidade de que algo seja visível. Como apontou o diretor italiano, enquanto a maioria dos insetos buscam desesperadamente o brilho cegante das luzes dos postes performando uma voragem muitas vezes mortal, os vagalumes realizam “sua dança vibrante precisamente no coração da escuridão” (DIDI-UBERMAN, 2012,41). Essa imagem talvez sirva para nos ajudar a compreender que negar a ânsia pela novidade, reafirmando a possibilidade da ruptura como modo de resistências à *doxa* pode ser uma prática consistente em busca do contemporâneo.

Certamente, é difícil afirmar com certeza absoluta que esta ou aquela obra, ou sua criadora, está inscrita na condição de contemporânea. Nosso objetivo com estes textos não é sugerir este tipo de definições, mas sim chamar a atenção para procedimentos e processos que intuímos, se desenvolvem assumindo a condição de contemporâneos. A partir disso, a premissa deste curso foi adotar uma perspectiva de pesquisa (e criação) que estivesse associada com pensar os processos artísticos – particularmente os relacionados com a atuação teatral/perfomática - sempre em crise.

Uma primeira crise fundamental é evitar a delimitação de territórios fixos e diferenciados entre o teatro e a performance. Esta postura nasce do questionamento de até que ponto ambas definições realmente nos ajudam a compreender particularidades desses processos de criação. Até que ponto ainda é possível separar de forma clara aquilo que seria performativo e o que pertenceria estritamente ao campo do teatro?

Adentramos, em crise, a territórios movediços e mutáveis. Não seriam necessariamente zonas fronteira das linguagens, mas sim margens e horizontes que se movem. Cada uma de nós sabe que tipo de teatro/performance contempla mais nossos gostos pessoais, sem que isso demande definições prévias e rígidas, ou que implique na delimitação arbitrária de territórios que separam antes de construir zonas de intercâmbio e hibridação.

DOSSIÊ ATUAÇÃO CÊNICA CONTEMPORANEA BRASILEIRA & VARIA

Abordar experiências cênicas/performativas como práticas de ruptura com os modelos estéticos e éticos predominantes na atualidade é uma forma de propor à pesquisa na área das artes vivas o desafio de repensar o trabalho de atrizes, atores e performers a partir da hipótese da atuação como acontecimento. Assim, o dossiê se propõe a pensar a partir da possibilidade de ruptura com a noção do ato cênico transitivo regido pelos sentidos do texto, cujo fim último seria construir cenas regidas pela dramaturgia, para explorar práticas que articulam sentidos que nascem da própria experiência da atuação, do colocar o corpo no centro do processo criativo.

Considerando a ideia de processos de crise na pesquisa, nos quais pesquisadoras e objetos da mirada, estão em deslocamento, pode-se questionar tanto as técnicas e procedimentos reconhecidos, como os sentidos da produção artística abordada. Assim, tanto a atuação ancorada nas poéticas teatrais como as que se situam no território da performance constituem um campo de estudos reconhecível. Mesmo ao não separarmos estes dois territórios, o uso dos dois termos é inevitável porque assim funciona na cultura. A mirada em crise reafirma principalmente a necessidade de questionamento do *a priori* da existência de dois campos específicos separados.

Então o *se colocar em crise* é um modo de trabalhar tratando de elaborar materiais sustentados mais em perguntas do que em respostas. Se nos propomos realizar práticas criativas contemporâneas como pesquisadoras/es será necessário assumir o lugar da crise como plataforma. Assim, é possível estabelecer diálogos que nos habilitem compreender experiências que mergulham, de múltiplas formas, nas zonas sombrias do tempo.

Outro elemento que sustentou essa prática de ensino combinada com processos de pesquisa se refere a uma mirada radical sobre as práticas performáticas teatrais que considera a atuação – a experiência afetiva e corporal - como o elemento basal do acontecimento cênico. Tal elemento permite definir tais prática criativas no âmbito amplo das Artes Vivas. Isso implicaria compreender a prática da atuação em relação a ideia de acontecimento, pois este seria o ponto crucial do fazer teatral/performativo.

Sem desconhecer as múltiplas possibilidades da arte teatral trabalhamos considerando um campo de reflexão que depende basicamente da experiência criativa daqueles e aquelas que colocam seus corpos em risco, que se oferecem no espaço da exposição, e que têm a possibilidade de experimentar os encontros que, eventualmente, se produzem com quem assiste aos espetáculos. Assim, reafirmamos a ideia do acontecimento pensando a performance cênica e a atuação em particular como prática acontecimental que pede focalizar a intensidade das experiências como elemento chave dos processos artísticos.

DOSSIÊ ATUAÇÃO CÊNICA CONTEMPORANEA BRASILEIRA & VARIA

A materialidade do fazer se relaciona com a potência para produzir acontecimentos nos quais a proximidade não pode deixar de ser um elemento fundamental, porque implica um reconhecer-se na outra pessoa. Caso esta hipótese se configure na prática se abre a possibilidade de quebrar momentaneamente as fronteiras impostas pelas regras sociais, pelos extremos do racionalismo, e pelos temores que sustentam a sociedade, ou seja o medo de ser além das representações.

É fundamental pensar a criação nas artes vivas a partir tanto da busca por uma atitude criativa contemporânea, ou seja, em desacordo com o tempo, como do apoio no desejo de se produzir acontecimento junto ao público. A atuação deve considerar as relações entre os corpos participantes do acontecimento de forma relativa a todos e todas que não estão naquele momento. Em vez de pensar que o corpo é o portador da informação que comunica os sentidos da obra, é muito mais provocativo pensar que o corpo busca constituir um tipo de relação (presença) que seria a base para o vínculo com a audiência que instauraria o acontecimento. É isso o que ampliaria a capacidade de diálogo partindo da noção de crise.

Os trabalhos reunidos neste dossiê representam o esforço de jovens pesquisadoras e pesquisadores para refletir sobre uma produção artística bastante atual, destacando os elementos que as situam como gestos contemporâneos. Estes textos construídos por pequenas equipes são resultado de uma prática de escritura que buscou a colaboração como fundamento do pensar, para discutir processos de criação propondo olhares contemporâneos, cujo foco foi a percepção de zonas pouco evidentes na produção das artes vivas no Brasil dos últimos anos.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Argos: Chapecó, 2009.
DIDI-UBERMAN, Georges. **Supervivencias de las luciérnagas**. Abada Editores: Madrid, 2012.
PASSOLINI, Pier-Paolo. **O Caos**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1982.